



ISSN: 1983-8379

Algumas premissas norteadoras: o que torna uma obra um cânone? seguidas de outras premissas desnorteadoras: o que torna um clássico inacessível?

Viviane Michelline Veloso Danese¹

RESUMO: O presente trabalho se propõe a refletir sobre as inquietações atuais que questionam o destino da literatura e os critérios (ou a falta deles) que atribuem à posição de cânone a determinadas obras. Dada a dificuldade encontrada em definir com precisão e rigor o que torna uma obra um clássico serão destacados alguns aspectos que apontam a crise da literatura e das humanidades de forma geral, porém sempre resguardando o papel da literatura para melhor compreensão do homem e do mundo.

Palavras chave: Cânone; Leitor; Teoria crítica; Ensino; Condição humana.

RÉSUMÉ: L'article présente une réflexion sur les inquiétudes actuelles qui mettent en question le sort de la littérature et les critères (ou son absence) qui attribuent la position de canon à des certaines oeuvres. En se rendant compte de la difficulté de définir avec rigueur ce qui fait d'une oeuvre un classique ce seront soulignés des aspects qui montrent la crise de la littérature et des humanités en général. Pourtant, on va toujours préserver le rôle de la littérature pour la meilleure compréhension de l'homme et du monde.

Mots-clés: Canon; Lecteur; Théorie critique; Enseignement; Condition humaine.

1. Premissas norteadoras de e para uma obra clássica – o que torna uma obra um clássico?

A inquietação comumente manifestada por escritores, críticos literários, professores, estudantes e afins que interrogam sobre o destino da literatura e sobre os critérios (ou a falta deles) que atribuem a determinadas obras um *status* canônico está cada vez mais pungente. É curioso o fato de algumas obras literárias serem consideradas modelos incontornáveis de representação de determinados períodos, enquanto outras ficam relegadas ao esquecimento. A ovação de determinadas obras em detrimento de outras faz com que muitas análises sejam pautadas sob a ótica da ruptura, da inovação e do ineditismo e ignorem o contexto no qual tais

¹ - Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa.



ISSN: 1983-8379

obras foram produzidas. Vale ressaltar que muitas vezes obras consideradas menores e sem a rotulação do cânone foram primordiais para a experiencição e o aperfeiçoamento das obras consideradas clássicas.

Mas em meio a tantas inquietações, parece ser comum e inquestionável a crença de que a literatura consiste em algo singular a atender uma série de anseios da humanidade.

Tzevetan Todorov no prólogo do seu livro *A literatura em perigo* faz um depoimento contundente sobre o valor da literatura.

Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009, pp. 23-24)

Neste sentido, embora o valor da literatura seja incontestável não existe clareza nem unanimidade para estipulá-lo.

Ítalo Calvino em sua obra inacabada *Seis propostas para o próximo milênio* discorre sobre “alguns valores ou qualidades ou especificidades da literatura que [lhe] são particularmente caros, buscando situá-los na perspectiva do novo milênio” (CALVINO, 1990, p, 11). São eles: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade. A sexta qualidade, que teria como temática a consistência, não chegou a ser escrita, devido à morte súbita do autor.

Para o autor, a literatura tratada sob o viés da leveza observa o mundo a partir de outro ponto de vista, de outra lógica. Melhor dizendo: a leveza é própria da recusa da representação diante do mundo (que é considerado pesado), mas não da recusa da realidade do mundo. Assim, mesmo parecendo contraditório, a precisão e a determinação são características próprias da leveza que não quer dizer vaguidão nem indeterminação. A exatidão está relacionada à leveza, pois ambas tratam de uma concepção bem definida de obra literária que prima por um vocabulário preciso que evoque imagens específicas.



ISSN: 1983-8379

O privilégio do ritmo e de uma lógica narrativa faz parte da rapidez, que segundo Calvino poupa o leitor de determinados detalhes. Mas há que se atentar para a visibilidade que está relacionada à capacidade do texto expressar imagens. Cabe ao escritor essa tarefa de condensar no texto um processo imaginativo.

Por fim a multiplicidade faz do texto literário um método de conhecimento que agrupa vozes e fatos dissidentes.

Vale reforçar que os valores apontados por Calvino expressam uma tentativa de se identificar e de se estabelecer critérios para a produção de suas obras literárias. Entretanto, apesar de ser inegável a qualidade dos temas apresentados por Calvino, permanece a dúvida se as obras literárias constituídas sob este viés tenham como garantido o estatuto do cânone.

Parece ser evidente o fato de que as propostas elencadas por Calvino não são engessadas e muito menos finalizadas – consistem mais num exercício de reflexão que revelam uma paixão duradoura pela literatura.

A sedução que a literatura exerce sobre os homens é também abordada por Calvino em outra obra, intitulada *Por que ler os clássicos*. Novamente, numa exposição numericamente organizada, Calvino elenca quatorze propostas de definições e motivações que justificam a procura por obras clássicas. O exercício exaustivo poderia se estender ao infinito, quando escorregadio é o objeto que se tenta cercar, a saber, definir um clássico.

Segundo Calvino:

- 1 - “Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: “Estou relendo...” e nunca “Estou lendo...”.
- 2 - “Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los”.
- 3 - “Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”.
- 4 - “Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira”.
- 5 - “ Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura”.
- 6 - “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”.
- 7 - “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)”.
- 8 - “Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe”.



ISSN: 1983-8379

- 9 – “Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos”.
- 10 – “Chama-se de clássico um livro que se configura como equivalente do universo, à semelhança dos antigos talismãs”.
- 11 – “O ‘seu’ clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele”.
- 12 – “Um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele, reconhece logo o seu lugar na genealogia”.
- 13 – “É clássico aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo”.
- 14 – “É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”. (CALVINO, 1993, pp.9-17)

Das definições anteriormente apontadas podemos pensar no fascínio que a literatura exerce ao longo do tempo no seu par imediato, o leitor.

E diante de dificuldade que temos em definir com precisão e rigor o que torna uma obra um clássico, é de suma relevância destacar alguns quisitos que atestam a crise porque passa a literatura no mundo atual.

2. Algumas premissas desnorteadoras – o que torna um clássico inacessível?

Seguindo o princípio enumerativo proposto por Calvino, apresentamos três premissas que, se não dificultam, pelo menos perturbam a constituição e a compreensão de obras clássicas. A sequência apresentada não é fechada uma vez que não pretendemos esgotar e nem solucionar os problemas, mas antes discutí-los.

2.1 – Decadência do leitor

George Steiner em seu ensaio “O Leitor Incomum” nos apresenta, a partir da tela *Le Philosophe lisant*, de 1734 do francês Chardin, uma comparação entre um leitor clássico (representado na pintura) e um leitor da atualidade (descrito como imerso em ruídos).

Na tradição clássica a palavra constitui um enigma a ser revelado. Esta tradição vem da textualidade hebraica e helênica e é responsável pela nossa condição moral-intelectual. A análise da tela de Chardin atesta a ideia de um texto que ilumina. E neste sentido o leitor retratado vai ao encontro do livro de forma cortês. Steiner enfatiza elementos da indumentária



ISSN: 1983-8379

que denotam a cortesia do leitor clássico, bem como objetos que compõem a cena e retratam a “pompa gentil e cerimoniosa ao expressar as boas-vindas e a expectativa de entretenimento” (STEINER, 2001, p. 14).

Vale ressaltar o silêncio e a privacidade como condições imperativas para uma leitura genuína.

“a leitura séria exclui até mesmo a pessoa mais íntima. [...] Os perigos que isso implica são evidentes. Não apenas as literaturas grega e latina tornaram-se inacessíveis: porções substanciais de toda a literatura europeia, desde a Divina comédia até Sweeney Agonistes (...), já não mais se encontram ao alcance das pessoas razoavelmente cultas”. (STEINER, 2001, p.29)

Por outro lado, Steiner indaga: “O que dizer sobre o ato de leitura hoje em dia? Como se compara com a conduta e os valores inerentes à tela de Chardin de 1734?” (STEINER, 2009, p. 21).

Embora a imortalidade seja um valor mantido desde os tempos de Chardin até a contemporaneidade, tal ideal é velado. A informalidade é a marca de nossa época. Se antes os livros tinham um caráter quase que sagrado, por o homem reconhecer a sobrevivência da palavra escrita diante de sua própria finitude, hoje deixou de ser questão importante. Steiner acena que “já não é mais uma atitude natural buscar em um livro a orientação que se buscava em um oráculo”. (STEINER, 2009, p. 24)

Os grupos que se dedicam à leitura se estreitam cada vez mais no mundo capitalista que privilegia o consumo e as inovações tecnológicas, em detrimento do livro.

A experiência do sujeito pela “vida vivida” em oposição à “vida mediada pela palavra”, a substituição da leitura pela música, as edições em brochura (que atingem um grande público por seu baixo custo, mas são seletivas uma vez que publicam partes da produção de autores escolhidos que podem interessar ao público e dar lucro ao mercado financeiro), a ausência de ressonância do texto no leitor (que atrofia a memória) são alguns aspectos que apontam para a decadência do leitor.

Diante deste cenário que acena para leitura quase como um saber especializado, outros desdobramentos se dão no sentido de dificultar o acesso aos clássicos.



ISSN: 1983-8379

2.2 – Decadência do ensino de literatura

Tzvetan Todorov no livro já citado *A literatura em perigo* lança o seguinte questionamento: “como aconteceu de o ensino de literatura na escola ter-se tornado o que é atualmente?” (TODOROV, 2009, p. 35)

A inquietação parece-nos semelhante aos anseios dos profissionais da educação que indagam como emancipar leitores através das aulas de literatura que se preocupam em cumprir programas didáticos segmentados pela crítica literária. Embora seja importante a contextualização da obra, a identificação do estilo, da ideologia e o estudo das relações dos elementos da obra entre si, a abordagem crítica deve ser posterior à literatura.

Somos herdeiros e adeptos - muitas vezes inconscientes - das tradições formalistas que, conforme especifica Terry Eagleton no artigo “O que é literatura?”, consideravam “a essência do literário (...) o ‘tornar estranho’.” (EAGLETON, 1997, p.8). O reconhecimento do texto literário como aquele que utiliza uma linguagem diferente da empregada no cotidiano coincide com os ideais propagados pela tradição formalista. Nesta acepção, os estudos de literatura se pautam na decomposição dos elementos estranhos de um texto ao invés de refletir sobre o que falam as obras.

Em sua essência, o formalismo foi a aplicação da linguística ao estudo da literatura; e como a linguística em questão era do tipo formal, preocupada com as estruturas da linguagem e não com o que ela de fato poderia dizer, os formalistas passaram ao largo da análise do “conteúdo” literário (instância em que sempre existe a tendência de se recorrer à psicologia ou à sociologia) e dedicaram-se ao estudo da forma literária. (EAGLETON, 1997, p. 4)

Mas Eagleton aponta para um engano: se os formalistas consideravam a linguagem literária como algo que foge a uma norma, partiam do pressuposto de que havia uma norma, um padrão a ser seguido. Aí se dá o equívoco, pois os formalistas ignoraram a complexidade e diversidade de discursos, e mais ainda: nem todos os desvios de uma norma podem ser considerados literatura. Para o crítico, a “literatura pode ser tanto uma questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita, como daquilo que a escrita faz com as pessoas”. (EAGLETON, 1997, p. 9)



ISSN: 1983-8379

Dada nossa reflexão ser pautada acerca da consolidação de obras clássicas, vale ressaltar a curiosidade inicial, qual seja, o fato de algumas obras literárias serem consideradas cânones e outras não. Neste aspecto, Eagleton diria que a maneira como as pessoas se relacionam com o texto é que o torna literatura.

Os julgamentos de valor parecem ter, sem dúvida, muita relação com o que se considera literatura, e o que não se considera – não necessariamente no sentido de que o estilo tem de ser “belo” para ser literário, mas sim de que tem de ser do *tipo* considerado belo; ele pode ser um exemplo menor de um modo geralmente considerado como valioso. (EAGLETON, 1997, p. 14)

No entanto, sendo valor um termo maleável, flexível e transitivo, o que hoje é considerado literatura num futuro pode deixar de sê-lo. O mesmo se dá com os clássicos – uma obra canonizada na atualidade poder ser considerada irrelevante pelas sociedades futuras.

O fato de sempre interpretarmos as obras literárias, até certo ponto, à luz de nossos próprios interesses – e o fato de, na verdade, sermos incapazes de, num certo sentido, interpretá-las de outra maneira – poderia ser uma das razões pelas quais certas obras literárias parecem conservar seu valor através dos séculos. (EAGLETON, 1997, pp. 16-17)

Para reforçar este aspecto, passamos à premissa seguinte, que alude a mais um motivo desfavorável, na atualidade, à compreensão dos clássicos literários.

2.3 – Privilégios da teoria crítica sobre o texto literário

Parece-nos ser mais nobre o reconhecimento do texto literário nos moldes apontados por Todorov, como algo que permite compreender melhor o homem e o mundo, que permite descobrir uma beleza que enriqueça a existência e que ao fazê-lo, permite ao homem compreender melhor a si mesmo; do que como fonte sobre as sociedades a partir dos quais foram criados.

As apropriações feitas pela crítica literária muitas vezes adaptadas ao ensino tendem a aspirar ao privilégio de serem verdadeiras. Uma vez mais citando Todorov, vale mencionar que “nós – especialistas, críticos literários, professores – não somos, na maior parte do tempo, mais do que anões sentados em ombros de gigantes”. (TODOROV, 2009, p.31)



ISSN: 1983-8379

Neste ponto ressaltamos o posicionamento do professor Edward W. Said, nos primeiros capítulos de seu livro *Humanismo e crítica democrática* a respeito da necessidade de se ressignificar a prática humanista nos dias atuais. A crítica em questão é inovadora ao propor repensar a crítica acadêmica instituída pela tradição humanista ocidental por uma outra crítica, também humanista, porém num sentido ampliado.

Pois bem, trata-se da renovação de um repertório teórico que estuda a condição humana em meio à barbárie das últimas décadas. Faz-se necessário aliar o termo consagrado pela tradição (humanismo – renascimento) ao que se espera dos homens, que é segundo Said “a capacidade humana de articular a expressão”. (SAID, 1990, p.34) Assim a prática humanista não é dissociada da cidadania participativa, ou seja, é amparada num discernimento claro do que é melhor para si e para sua comunidade numa situação dada.

No entanto as fronteiras do humanismo proposto por Said são transitáveis, englobando outros grupos culturais para além dos reconhecidos do pensamento greco-latino.

Citando Said, “é verdadeiro afirmar que a nova geração de estudiosos humanistas está mais afinada do que antes com as energias e correntes não europeias, de gênero, descolonizadas e descentralizadas de nosso tempo”. (SAID, 1990, p.69)

“A nossa [realidade] é uma sociedade cuja identidade histórica e cultural não pode ser confinada numa única tradição, raça ou religião”. (SAID, 1990, p.70)

Embora seja confesso o desconforto e a urgência de se praticar as novas bases do estudo e da prática humanistas, acreditamos que ainda estamos em meio incipiente.

Para prosseguir, vemos duas opções, não excludentes: seguir a sequência numérica proposta (e não terminada) por Calvino (na obra *Seis propostas para o próximo milênio*), a saber, sobre a consistência; e, ou, iniciar uma nova contagem, vasta já de início, a começar pelo zero, sem fronteiras que reflita sobre a literatura e a condição humana.



ISSN: 1983-8379

Referências bibliográficas

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. In: _____. CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.9-17.

_____, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

EAGLETON, Terry. Introdução: O que é literatura? In: _____. **Teoria da literatura**. Uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.1-22.

STEINER, Gerge. Introdução e O leitor incomum. In: _____. **Nenhuma paixão desperdiçada**. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.9-31.

SAID, Edward. A esfera do humanismo. As novas bases do estudo e da prática humanistas. In: **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.19-79.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. (96 páginas)